

História Política e Estudos de Trajetórias: os casos das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé (1910-1924)

Political History and Trajectory Studies: the cases of first ladies Orsina da Fonseca and Nair de Teffé (1910-1924)

Bethânia Luisa Lessa Werner,¹ UFPEL

Resumo

A renovação de objetos e abordagens da História Política colaborou para a emergência de estudos como os de trajetórias e sociabilidades, instigando análises sobre a participação feminina na política. Nessa perspectiva, apresentamos possibilidades de análises a partir das trajetórias das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé na Primeira República (1910-1924). São analisadas fontes como: a imprensa do Rio de Janeiro através da Hemeroteca Digital Brasileira (1910-1924), os Anais do Senado Federal (1910-1914), o livro de Nair de Teffé, *A Verdade sobre a Revolução de 22* (1974) e a entrevista *Reivindicações Políticas* concedida por Nair de Teffé ao *Jornal de Petrópolis* em 1924. Assim, apresentamos observações preliminares sobre as trajetórias das personagens através do mapeamento de suas redes de sociabilidade e da análise de suas atuações políticas, evidenciando os protagonismos dessas mulheres naquele período.

Palavras-chave: Orsina da Fonseca; Nair de Teffé; trajetórias políticas; primeiras-damas; Primeira República.

Abstract

The renewal of objects and approaches to Political History contributed to the emergence of studies such as trajectories and sociability, instigating analyzes of women participation in politics. From this perspective, we present possibilities for analysis based on the trajectories of the first ladies Orsina da Fonseca and Nair de Teffé in the First Republic (1910-1924). Sources are analyzed such as: the press of Rio de Janeiro through the Hemeroteca Digital Brasileira (1910-1924), the Annals of the Federal Senate (1910-1914), the book by Nair de Teffé, *A verdade sobre a Revolução de 22* (1974) and the interview *Reivindicações Políticas* by Nair de Teffé to *Jornal de Petrópolis* in 1924. Thus, we present preliminary observations on the trajectories of the characters through the mapping of their sociability networks and the analysis of their political actions, highlighting the leading roles of these women in that period.

Keywords: Orsina da Fonseca; Nair de Teffé; political trajectories; first ladies; First Republic.

Introdução

Cercadas por estereótipos, as funções e os papéis sociais das primeiras-damas são, atualmente, pautas cada vez mais presentes no debate público. Dentre essas perspectivas, emergem principalmente duas atribuições principais associadas a essas mulheres: a de

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Bolsista CAPES. Contato: bethaniawerner@hotmail.com

acompanhante do Chefe do Executivo ou a de defensora das causas sociais (Moreno, 2023). Noções relacionadas ao cuidado para com o próximo, o recato e a delicadeza, por exemplo, associadas enquanto “naturais” ao sexo feminino, aproximam – quando não restringem – as mulheres ao âmbito privado. No cenário brasileiro contemporâneo, porém, percebe-se um engajamento da atual primeira-dama, Rosângela Lula da Silva, em ressignificar a função de primeira-dama para além dessas duas esferas. Ao participar da reunião da Aliança de Cônjuges de Chefes de Estado e Representantes da América Latina e Caribe (ALMA), em julho de 2023, Janja destacou que compreende a atuação das primeiras-damas enquanto “amplificadoras e promotoras da paz e de políticas de apoio à participação política de mulheres e combate à misoginia” (Poder360, 2023). Nesse sentido, sua atuação, assim como a de outras primeiras-damas nacional e internacionalmente, permite que sejam discutidas as relações entre a participação política feminina, as relações de poder e as trajetórias dessas mulheres para além da figura de seus maridos.

Dadas as aproximações e os crescentes debates acerca da temática, os estudos sobre a participação feminina no campo político fazem-se, pouco a pouco, mais numerosos na historiografia. Nessa perspectiva, as discussões em relação aos âmbitos público e privado também emergem enquanto necessárias para as análises dessas atuações em diferentes períodos históricos. Compreendemos que em relação às fronteiras entre essas duas esferas, “[...] reina a heterogeneidade cultural – as singularidades próprias da sociodiversidade – que estão historicamente marcadas por assimetrias, por jogos de poder [...]” (Silveira, 2005, p. 20). Tais concepções colaboram na investigação das atuações políticas femininas, uma vez que essas encontram-se historicamente imersas em relações de poder e de gênero.

Além disso, destaca-se que “[...] ‘primeira-dama’ não é um título oficial, nem carrega prerrogativas ou direitos exclusivos, mas exerce, ou pode vir a exercer, papel de destaque na administração de seus cônjuges e no desenvolvimento de possíveis capitais políticos” (Rodrigues, 2019, p. 177). Esses capitais políticos, por sua vez, podem ser atravessados e constituídos por (ou através de) relações de gênero, conceito que compreendemos enquanto “uma questão de relações sociais dentro das quais os indivíduos e grupos atuam” (Connel, Pearse, 2015, p. 47), ultrapassando as perspectivas dicotômicas que excluem as diferenças entre homens e entre mulheres enquanto importantes para o conceito e suas possibilidades de leituras.

Dessa maneira, “o gênero é a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais” (Connel, Pearse, 2015, p. 48). Dessa forma, as interlocuções entre as áreas da História Social da Política e dos Estudos de Gênero na historiografia, apresentam novas possibilidades e objetos – dentre esses, as trajetórias e atuações femininas, que são objeto dessa pesquisa – para as investigações sobre o campo político. Ou seja, aliam-se as concepções de escrita da história e do contexto de sua produção pelos pesquisadores e pesquisadoras, ressaltando que as renovações do campo político – noção que permite “construir de maneira rigorosa essa realidade que é a política ou o jogo político” (Bourdieu, 2011, p. 194) – partem também do olhar que o historiador dirige ao seu objeto e, ainda, ao que pode ser objeto de estudo para a história política.

Com a ampliação teórica e de objetos, bem como com diálogos interdisciplinares, a chamada Nova História Política rompeu com abordagens que privilegiavam apenas um tipo de relação (Rémond, 2003, p. 36), fomentando espaços para investigações sobre grupos historicamente excluídos na historiografia, como os vínculos entre as mulheres e a política. Através desses diálogos e novas abordagens, portanto, emergem lacunas em relação à história das primeiras-damas. Algumas pesquisas já realizadas buscaram analisar essas mulheres, à nível nacional, enquanto agentes políticas para além das figuras de seus maridos, fosse ao longo de seus mandatos presidenciais ou em períodos anteriores ou posteriores. Dentre essas, destacam-se os trabalhos de Torres (2002) relacionado à investigação sobre a função de primeira-dama e a assistência social, permeadas por relações de gênero e poder, bem como os trabalhos de Rodrigues (2017, 2019, 2021) que investigou a atuação de Lúcia Braga na política local da Paraíba e, em estudos posteriores, dedicou-se às análises sobre o primeiro-damismo, observando os protagonismos e o envolvimento dessas mulheres com a cultura política nacional. Além dessas produções, destaca-se, ainda, a pesquisa realizada por Simili (2008) sobre a trajetória de Darcy Vargas, evidenciando as movimentações, atuações e influências políticas da personagem para além de Getúlio Vargas, seu marido.

Não temos o objetivo de esgotar aqui as menções às pesquisas realizadas sobre a temática, no entanto, buscamos demonstrar brevemente o quanto esse tipo de análise ainda demanda maior aprofundamento em relação a períodos mais recuados como o final do século XIX e o início do século XX. Com base nessas concepções e na percepção dessas lacunas, portanto, é que se desenvolve a presente pesquisa. Compreendendo a relevância de estudos

sobre trajetórias femininas relacionadas ao cenário político de diferentes períodos históricos e as novas possibilidades para os estudos sobre o político², buscamos analisar as atuações políticas das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé a partir do estudo de suas trajetórias e redes de sociabilidades ao longo da Primeira República no Brasil (1910-1924).

Enquanto mulheres e primeiras-damas, os papéis e atuações sociais que lhes eram previstos, o lugar que os jornais e os políticos homens esperavam que elas ocupassem e os comportamentos desempenhados pelas mesmas são importantes objetos de análise quando visamos compreender o cenário da política nacional. Nesse sentido, refletir sobre os meios sociais em que ambas estavam inseridas, os laços e alianças estabelecidos com outros agentes e as suas condutas enquanto representantes femininas, permite que as análises sobre a Primeira República privilegiem outras narrativas, não apenas as de figuras masculinas tradicionalmente presentes na historiografia sobre o período, ampliando, da mesma forma, as leituras sobre o político.

Para a realização dessa proposta de análise estão sendo utilizados diferentes conjuntos documentais, compreendendo a importância do cruzamento de informações das fontes para a elaboração de uma investigação que permita visualizar a complexidade das narrativas veiculadas por seus agentes. Da mesma forma, analisando diferentes tipos de fontes buscamos apreender “as diversas escolhas de um mesmo sujeito, bem como perceber as estratégias e projetos de indivíduos ou grupos”, além de compreender que “através das relações sociais e tensões também pode ser desvelada as disputas por poder e as nuances da política local” (Vendrame, 2016, p. 31), as quais, nesse caso, interseccionam-se à política nacional, dada a função ocupada pelas personagens aqui apresentadas.

Estão sendo analisados os discursos presentes nos Anais do Senado Federal entre os anos de 1910 e 1914, no contexto do mandato presidencial do Marechal Hermes da Fonseca, disponíveis no site do Senado Federal. A análise se direciona aos livros 1 ao 6, entre 1910 e 1911, e aos livros 1 ao 9 entre 1912 e 1914. Através da incorporação dessa documentação buscamos visualizar de que forma as primeiras-damas em questão eram representadas nos

² Para a concepção do estudo sobre o político, concordamos com Rémond (2003) quando o mesmo destaca que “[...] as escolhas políticas dos indivíduos não lhes são imperativamente ditadas pelo seu status socioprofissional, e que eles tomam muitas vezes partidos que não coincidem com seus interesses materiais” (Rémond, 2003, p. 446). Nesse sentido, ao propor a investigação das trajetórias de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé, também consideramos a autonomia dos sujeitos e suas subjetividades (Levi, 1998), não os analisando enquanto imóveis ou presos a uma estrutura social.

discursos masculinos e de que maneira suas ações e/ou condutas eram consideradas adequadas ou não para mulheres da elite à época.

Além disso, também estão sendo analisados os jornais do Rio de Janeiro entre os anos de 1910 e 1924 a partir da ferramenta de buscas nominais no site da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Sobre a metodologia adotada para com essa documentação, destacamos que “A utilização do ‘método onomástico’ tem se mostrado caminho vantajoso para analisar as trajetórias familiares e estratégias utilizadas pelos indivíduos”, além de entender que “O nome como objeto de estudo permite compreender classificações sociais e também o seu uso como uma maneira de estabelecer alianças e relações de parentesco” (Vendrame, 2016, p. 34). Destacam-se, dessa forma, dentre os inúmeros títulos presentes, os jornais *A Época*, *A Imprensa*, *A Noite*, *A Tribuna*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *O Imparcial*, *O Paiz*, *O Seculo*. Em relação a essa documentação foram importantes os registros de “informações detalhadas sobre cada periódico estudado, o acervo, o volume de digitalizações, o período de publicações, seus donos, redatores, editores, jornalistas, suas imagens, gravuras, colunas, preço, circulação [...]” (Brasil, Nascimento, 2020, p. 212-213) visando compreender as formas de construção das representações das atuações políticas e das próprias primeiras-damas nesses espaços.

Além disso, o terceiro conjunto documental principal que faz parte dessa análise refere-se ao livro de memórias intitulado *A Verdade sobre a Revolução de 22*, escrito por Nair de Teffé e publicado no ano de 1974. Dividida em duas partes, na primeira apresenta-se uma narrativa referente aos aspectos da sua infância da personagem, bem como sua juventude e vida adulta, destacando sua trajetória artística, intelectual e, especialmente, acontecimentos relacionados ao seu casamento com o Marechal Hermes da Fonseca, além de relatos sobre a vida do casal até 1923 quando do falecimento de Hermes. Nessa narrativa, Nair de Teffé evidenciou inúmeros acontecimentos políticos e, com o filtro de suas lembranças e esquecimentos, permite que sejam observadas as suas percepções sobre o cenário político daquele período. Já a segunda parte da obra é composta por uma reunião de caricaturas produzidas pela personagem, tanto ao longo da Primeira República quanto já nas décadas de 1960 e 1970, materiais que também permitem analisar suas relações com o meio político em variados momentos em sua trajetória.

Partindo da análise de categorias como as redes de sociabilidades e as trajetórias dessas mulheres, buscamos evidenciar os protagonismos por elas exercidos, bem como os

limites impostos as suas atuações políticas. Da mesma forma, perspectivas relacionadas ao estudo da história das elites também se fazem presentes, compreendendo que o próprio uso da noção de elite pela historiografia contribui para “[...] dar conta, através de uma microanálise dos grupos sociais, da diversidade, das relações e das trajetórias do mundo social” (Heinz, 2006, p. 8). Da mesma forma, o autor destaca que “a opção pelas elites é, aqui, antes de tudo, uma solução de escala, uma chave metodológica para perscrutar a complexidade do social a partir do enfoque em universos de análise ao mesmo tempo reduzidos e abundantes em informações sociais” (Heinz, 2006, p. 10). Contudo, quando relacionado às mulheres, essa abundância de fontes nem sempre é experimentada na prática historiográfica que busca analisa-las, sendo necessário a recorrência a outras abordagens como o mapeamento e o estudo de suas redes de sociabilidades.

Com base nessas concepções, o presente artigo destaca, num primeiro momento, discussões teóricas sobre o conceito de trajetória e apresenta as duas personagens que estão sendo analisadas nessa pesquisa. Buscamos introduzir o leitor a algumas das relações estabelecidas entre as famílias Fonseca e Teffé, as aproximações e distanciamentos entre suas trajetórias e as distintas redes de sociabilidade nas quais Orsina da Fonseca e Nair de Teffé inseriram-se. Em seguida, apresentamos algumas das análises já realizadas sobre as atuações políticas dessas mulheres, destacando o caráter preliminar dessas considerações, visto que essa pesquisa está em andamento no momento de produção dessa publicação. Da mesma forma, buscamos discutir quais foram os distanciamentos e quais foram as aproximações entre as trajetórias, estabelecendo paralelos ou diferenciações. À guisa de algumas considerações finais, retomamos as hipóteses que apontamos, confrontando-as com os exemplos apresentados ao longo do artigo, com o objetivo de discutir possibilidades e relações entre as trajetórias de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé, reforçando a importância desse tipo de investigação no campo historiográfico e a emergência de atenção aos novos objetos e abordagens no campo da História Política.

O político e as mulheres: Orsina da Fonseca e Nair de Teffé

A partir das renovações que caracterizaram o campo da História Política na virada do século XIX para o século XX, novos objetos foram incorporados à área, trazendo novas perspectivas e olhares sobre o político. As transformações ao longo da história da historiografia fizeram com que, por algum tempo e sob influência das inovações trazidas por

correntes teóricas como a Escola dos Annales, a história política fosse caracterizada enquanto “factual, subjetivista, psicologizante, idealista [...]”, fazendo com que a área reunisse “[...] todos os defeitos do gênero de história do qual uma geração almejava encerrar o reinado e precipitar a decadência” (Rémond, 2003, p. 18). Esse descrédito pelo qual os estudos sobre o político foram relegados durante o período foi, no entanto, temporário.

Considerando suas transformações e a concepção de que “o universo político está em expansão” (Rémond, 2003, p. 23), além da incorporação de novos questionamentos e objetos à história política, também sofreu modificações o “olhar que o historiador dirige ao político” (Rémond, 2003, p. 22). Com o alargamento de abordagens, diálogos interdisciplinares foram sendo estabelecidos, dando origem a campos como a História Social da Política. Com base no estudo de trajetórias de indivíduos ou grupos sociais, bem como suas sociabilidades e alianças, essa abordagem permite que sejam observadas as esferas macro e micro de diferentes contextos históricos, a partir do direcionamento do olhar do historiador a algum(as) personagens, compreendendo que “a escolha do individual não é vista aqui como contraditória a do social” (Revel, 1998, p. 21).

Nessa perspectiva, destacam-se os diálogos e intersecções com a História das Mulheres e os Estudos de Gênero, para essa pesquisa, considerando que “nos anos 1990, a história política e a história das mulheres passaram a compartilhar alguns pressupostos que as aproximam” (Simili, 2008, p. 13), como, por exemplo, a incorporação de novas formas de abordar seus objetos de estudo. Todavia, a autora também afirma que

[...] um dos problemas destacados por aqueles que estudam política e mulheres é a desigual presença e participação dessas personagens no cenário nacional e, por consequência, a dificuldade enfrentada para a obtenção de fontes de pesquisa que permitam conhecer e avaliar as experiências femininas e políticas do passado (Simili, 2008, p. 14).

Contudo, considerando as investigações acerca das redes de sociabilidade das personagens, bem como suas trajetórias enquanto mulheres da elite carioca na Primeira República, alia-se à nossa análise a elaboração de uma História Social das Elites. Essa, por sua vez, busca acionar o próprio conceito de elite para “[...] dar conta, através de uma microanálise dos grupos sociais, da diversidade, das relações e das trajetórias do mundo social” (Heinz, 2006, p. 8). Ainda conforme Heinz, essa abordagem metodológica busca “[...] compreender, através da análise mais ‘fina’ dos atores situados no topo da hierarquia social, a complexidade de suas relações e de seus laços com o conjunto ou com setores da sociedade”

(Heinz, 2006, p. 8). Dessa maneira, ao propor o estudo das atuações políticas das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé a partir de suas redes de sociabilidade, mas também a partir de suas trajetórias, cabe evidenciar a partir de qual abordagem compreendemos a análise de trajetórias.

Assim, consideramos a noção de trajetória apresentada por Bourdieu, sendo essa uma “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (Bourdieu, 1998, p. 189). Da mesma forma, Dal Forno aponta que

[...] a análise de uma trajetória social de um agente encontra-se intimamente relacionado com os espaços sociais pelos quais este percorreu (ambiente familiar, instituição escolar, partido político, edição e redação de um jornal, etc.) e pelos recursos e atributos (capital cultural, econômico, intelectual, social, etc.) que foi capaz de adquirir, reproduzir, ampliar, acionar e mobilizar durante esta trajetória (Dal Forno, 2017, p. 163).

A partir disso, cabe discorrer sobre quem foram as mulheres que são objeto de estudo dessa pesquisa: Orsina da Fonseca e Nair de Teffé. A análise das trajetórias políticas das personagens, bem como de suas redes de sociabilidade, é marcada por diferenças e aproximações. Orsina Francioni da Fonseca (1859-1912), filha de Pedro Paulino da Fonseca e Francisca Catarina Francioni, foi a primeira esposa de Hermes da Fonseca e, portanto, a primeira primeira-dama durante seu mandato enquanto Presidente da República no quadriênio 1910-1914. Nessa função, apesar das condutas e comportamentos esperados e, em alguns momentos, impostos às mulheres naquele período, Orsina teve uma atuação política de destaque, evidenciando seu protagonismo em diferentes âmbitos do cenário público e político. Dentre essas, destacam-se seus vínculos com o Partido Republicano Feminino (PRF), fundado em 1910 e sua preocupação com os problemas e causas sociais. A partir de uma rede de sociabilidade com maior presença feminina entre seus círculos sociais, Orsina da Fonseca, apesar de descrita enquanto um “exemplo de marechala” justamente por não se envolver com a política presidencial e suas articulações durante o período, exerceu seu protagonismo através de suas atuações políticas por outras vias, as quais discutiremos no tópico seguinte.

Já em uma relação de contraste, a segunda esposa do Marechal Hermes da Fonseca teve sua trajetória caracterizada pelo envolvimento mais direto com a administração e com as ações presidenciais durante o período de 1913 e 1914. Nair de Teffé von Hoonholtz Hermes da Fonseca (1886-1981), filha do almirante Luiz von Hoonholtz – o barão de Teffé – e Maria

Luísa Dodsworth, foi a segunda primeira-dama do Marechal Hermes da Fonseca. Em sua narrativa na obra pretendida autobiográfica e intitulada *A Verdade sobre a Revolução de 22* (1974), Nair de Teffé descreveu diferentes memórias que guardou ao longo dos anos, sendo possível observar que ao longo da narrativa sua descrição se detém mais detalhadamente sobre o período de seu casamento e, conseqüentemente, o ambiente político da Primeira República e alguns dos adversários políticos do Marechal Hermes da Fonseca – de modo especial, nas palavras da personagem, “Ruy Barbosa, chefe da oposição, líder do ‘civismo’, adversário impiedoso [...]” (Fonseca, 1974, p. 114).

Incorporando algumas das rivalidades políticas do marido naquele momento, portanto, Nair de Teffé apresentou outra postura diante da ocupação da função de primeira-dama. Esse lugar, portanto, destaca-se não enquanto um título oficial ou com prerrogativas ou exclusividades, mas enquanto uma função que “exerce, ou pode vir a exercer, papel de destaque na administração de seus cônjuges e no desenvolvimento de possíveis capitais políticos” (Rodrigues, 2019, p. 177). Contudo, ainda que com diferenças entre si, ambas as personagens estabeleceram vinculações com o âmbito político naquele período, mas não só, criando vínculos inclusive entre suas próprias famílias, ainda antes do falecimento de Orsina da Fonseca em 1912.

A relação entre as famílias Fonseca e Teffé passa, por sua vez, pelas figuras masculinas e as redes de alianças estabelecidas pelos mesmos. Destaca-se, dentre essas aproximações, o cargo de Secretário da Presidência no governo de Hermes da Fonseca, presidido por Álvaro de Teffé, irmão de Nair de Teffé. Além disso, os contatos entre as famílias e possivelmente entre as personagens também pode ser percebido quando realizadas exposições das caricaturas produzidas por Nair de Teffé e a presença do casal Fonseca (O Paiz, 08/06/1912, p. 5) ou quando da oferta de jantares por Álvaro de Teffé e sua esposa, Nicola de Teffé, à Orsina da Fonseca, tendo junto aos demais convidados, a presença de Nair de Teffé (A Imprensa, 20/08/1912, p. 3).

Nessa perspectiva, mesmo com trajetórias aparentemente distantes e distintas entre si, assim como suas redes de sociabilidade, algumas aproximações ou contatos podem ser visualizados entre as personagens. Enquanto mulheres da elite na Primeira República e enquanto primeiras-damas, suas atuações políticas transitaram entre as fronteiras dos âmbitos público e privado em diferentes situações, articulando o papel social que lhes era posto, as

condutas que lhes eram esperadas e, principalmente, suas escolhas e individualidades frente a esses contextos. Vejamos alguns deles.

As atuações políticas

Contava 26 de outubro de 1914. Nesta data, no Palácio do Catete, realizou-se a última recepção oficial do mandato presidencial do Marechal Hermes da Fonseca, a qual ficou conhecida carinhosamente enquanto Noite do Corta Jaca. Celebrada em meio a presença do corpo político e diplomático brasileiro, bem como com a presença de representantes internacionais, a festividade contou com a interpretação da então primeira-dama Nair de Teffé Hermes da Fonseca, ao lado do músico Catulo da Paixão Cearense, da canção composta por Chiquinha Gonzaga, intitulada Corta Jaca. A partir desse acontecimento, Nair de Teffé conseguiu animar “os espíritos ilustres e oficiais de seus convidados com uma programação musical um tanto inusual para a ocasião” (Nascimento, 2017, p. 39). Acompanhada pelo violão, considerado um instrumento boêmio à época, a primeira-dama interpretou a canção mencionada, a qual aproximava-se do maxixe, gênero musical que “começava a expressar novas maneiras de lidar com o corpo e a sexualidade, tensionando certas convenções da economia simbólica do erotismo” (Nascimento, 2017, p. 51). Escandalizada, a oposição não deixou passar.

Nos dias seguintes àquela que, segundo Nair de Teffé, foi considerada uma noite “prafrentex” (Fonseca, 1974), a oposição não se silenciou acerca do suposto ataque à moralidade e aos bons costumes da nação. Centralizando as críticas tanto no governo de Hermes da Fonseca, quanto na figura da primeira-dama, o senador Ruy Barbosa levou sua indignação ao âmbito do Senado Federal. Em 11 de novembro de 1914, ao discursar em uma das sessões parlamentares, Ruy Barbosa faz menções às primeiras-damas no governo do Marechal, comparando suas atuações e expressando sua opinião sobre as condutas das duas mulheres.

Tanto Orsina da Fonseca quanto Nair de Teffé foram mencionadas nessa fala do senador. Em relação à primeira personagem, Ruy Barbosa elabora uma narrativa que a coloca enquanto um exemplo de mulher, de primeira-dama e de mãe, reforçando estereótipos tradicionais esperados das mulheres – principalmente as mulheres das elites – durante a Primeira República. Ao mencioná-la, descreve Orsina da Fonseca enquanto um “exemplo de primeira marechala, cuja discrição não assumiu jamais a menor parte na vida oficial do

presidente” (Anais do Senado Federal, 1917, p. 110). Em seguida, ao evocar a figura da então falecida primeira-dama, Ruy Barbosa a descreve a partir de vocativos como “Santa Senhora”, “consorte fiel do seu marido” e como uma “mãe desvelada de seus filhos” (Anais do Senado Federal, 1917, p. 110), possibilitando identificar a opinião do político em relação à Orsina da Fonseca. Ou seja, segundo as descrições apresentadas nesse discurso de Ruy Barbosa, é possível que Orsina da Fonseca seja percebida enquanto uma mulher ausente e pouco participativa em discussões sobre aspectos públicos e especialmente políticos. Entretanto, tal perspectiva não encontra sustentação quando da investigação da trajetória e das redes de relações da personagem.

Como mencionado anteriormente, ainda no ano de 1910 foi fundado o Partido Republicano Feminino (PRF), ao qual Orsina da Fonseca prestou apoio. Considerada amiga íntima de uma das fundadoras do PRF, a professora e indigenista Leolinda Daltro, a primeira-dama a recebia “na casa presidencial [...] aprovando a causa feminista por ela sustentada” (Schumacher, Brazil, 2000, p. 462). Além disso, também relacionado ao partido podem ser observadas a amizade entre Orsina da Fonseca e a poetisa Gilka Machado, colaboradora do PRF, e a criação da Escola Orsina da Fonseca, “em homenagem à Exma. esposa do Sr. Presidente da Republica” (O Paiz, 26/05/1911, p. 7).

Nesse contexto, na cerimônia de inauguração da referida escola, o discurso oficial foi realizado por Gilka Machado, a qual “depois de traçar o papel da mulher na sociedade, ofereceu o título de protetora à Exma. Sra. D. Orsina da Fonseca, ‘em nome da família, do sexo, do partido feminino e como um culto à mulher, à mãe, à esposa virtuosa’.” (O Paiz, 19/06/1911, p. 6). A partir do pequeno trecho podem ser discutidas as relações entre os ideais de mulher e de família ao longo do começo do século XX, os quais passaram por distintas transformações através da abolição da escravidão no final do século XIX. O ideal feminino, desse modo, encontrava-se relacionado a concepção de “uma mãe dedicada que dispensava especial atenção ao cuidado e à educação dos filhos [...] responsabilizando-se também pela ‘formação moral’ das crianças”, além da mulher que seria uma “esposa afetiva, ainda submissa ao marido, mas não mais completamente sem voz” (Scott, 2018, p. 17). Inserida em vários destes ideais, a imagem de Orsina da Fonseca constrói-se rodeada por ideais de afeto, maternidade e feminilidade exemplares.

Da mesma maneira, as concepções acerca dos papéis dessa mulher construída socialmente enquanto um exemplo, relacionavam-se a perspectiva de que “a mulher estaria

voltada inteiramente aos afazeres do lar, o espaço feminino por excelência, ao passo que o espaço público seria o domínio dos homens” (Scott, 2018, p. 17). Ao trazer para dentro de seu lar não apenas mulheres que defendiam e lutavam pelos direitos das mulheres durante a Primeira República, mas ideais e concepções políticas a sua própria atuação, Orsina da Fonseca transitou entre as fronteiras dos âmbitos público e privado, mesclando-os e construindo a partir disso, parte de sua atuação e trajetória políticas. Essas, por sua vez, seguiram sendo lembradas até mesmo após o seu falecimento, como quando do discurso de Leolinda Daltro em sua homenagem ao lembrar que: “Hoje, procurando o teu tumulo, procuro a mansão da eternidade onde o teu silencio é a revelação da recompensa de Deus às tuas dores, aos teus sacrifícios, aos momentos dolorosos e mudos das tuas lágrimas...” (O Paiz, 03/11/1913, p. 3). Ainda relacionado aos ideais femininos construídos naquele período, o trecho em questão permite que sejam estabelecidas relações sobre os silêncios na própria elaboração das Histórias das Mulheres. Considerado um “mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamentos”, o silêncio das mulheres, segundo Perrot, é também um “silêncio no espaço público, onde sua intervenção coletiva é assimilada à histeria do grito [...]” e, “até mesmo na vida privada” (Perrot, 2005, p. 9-10). Ainda assim, compreendido enquanto um modelo de comportamento relacionado à formação da sociedade em que estavam inseridas essas mulheres, o silêncio também pode colaborar para a análise de suas atuações políticas, sejam elas elaboradas em âmbito público ou privado.

Ainda em relação ao discurso de Ruy Barbosa na sessão de 11 de novembro de 1914, a primeira-dama Nair de Teffé também foi descrita. Em contraste às condutas e atitudes atribuídas à Orsina da Fonseca, a segunda personagem apresenta características que indicam permanências, mas também rupturas em relação ao desempenho das funções sociais enquanto primeira-dama. Nair de Teffé von Hoonholtz Hermes da Fonseca (1886-1981), filha do almirante Luiz von Hoonholtz – o barão de Teffé – e Maria Luísa Dodsworth, foi a segunda esposa do Marechal Hermes da Fonseca, sendo o matrimônio realizado em dezembro de 1913. Em sua narrativa na obra pretendida autobiográfica e intitulada *A Verdade sobre a Revolução de 22* (1974), Nair de Teffé descreveu diferentes memórias que guardou ao longo dos anos, sendo possível observar que ao longo da narrativa sua descrição se detém mais detalhadamente sobre o contexto de seu casamento e, conseqüentemente, o cenário político da Primeira República e algumas das personalidades tidas enquanto oposição ao Marechal

Hermes da Fonseca – de modo especial, nas palavras da personagem, “Ruy Barbosa, chefe da oposição, líder do ‘civismo’, adversário impiedoso [...]” (Fonseca, 1974, p. 114).

Incorporadas as rivalidades políticas, Nair de Teffé foi alvo de críticas por políticos da época que consideravam que a primeira-dama tinha condutas, por vezes, inadequadas, como quando da realização da Noite do Corta Jaca. No discurso crítico de Ruy Barbosa sobre o acontecimento, após evidenciar elogiosamente as características e a personalidade de Orsina da Fonseca, o senador descreveu Nair de Teffé enquanto “[...] uma figura de relevo no protocollo, na côrte presidencial, no seu ascendente notório sobre o exercício da autoridade suprema” (Anais do Senado Federal, 1917, p. 110), referindo-se a ela como uma possível influenciadora sobre as ações do governo e, principalmente, do Marechal Hermes da Fonseca. O senador exemplifica, ainda, sua argumentação a partir da associação entre a prisão do jornalista Edmundo Bittencourt, do *Correio da Manhã*, com “á vontade imperativa da mulher do presidente” e, além disso, em um trecho seguinte, destacou que: “Exercer impunemente uma tal influencia, ainda ninguém o conseguiu, nem o conseguirá nunca” (Anais do Senado Federal, 1917, p. 110). Em relação a essa acusação, a imprensa também se posicionou. Uma carta do diretor do jornal *A Epoca* foi publicada na imprensa e, em trechos da mesma, é possível novamente encontrar menções à primeira-dama. Algumas das prisões ocorridas em virtude da declaração do Estado de Sítio eram atribuídas, dessa maneira, à Nair de Teffé, destacando novamente a prisão de Edmundo Bittencourt quando o autor da carta escreveu: “[...] sei que esse nosso distinto amigo foi preso por ordem expressa da virtuosa esposa do venerado presidente, a Serenissima Senhora Dona Nair de Teffé von Honholtz Hermes Rodrigues da Fonseca” (*A Epoca*, 31/10/1914, p. 1). Além disso, Ruy Barbosa destacou a participação de Hermes da Fonseca no envolvimento mais direto da primeira-dama em assuntos políticos, evidenciando que

Aqui o marechal, não se conformando com a situação retrahida que se reserva em França e nos Estados Unidos, ás mulheres dos presidentes, conduziu por sua mão a esposa ao proscenio da vida official, e sentou a eleita do seu coração ao seu lado na omnipotência da sua dictadura (Anais do Senado Federal, 1917, p. 111).

Ou seja, a partir das representações concebidas pelo senador em relação às duas personagens enquanto mulheres e primeiras-damas, é possível perceber algumas das concepções vigentes sobre elas naquele período. Sobre Nair de Teffé, no entanto, destacam-se as críticas e desaprovações de condutas, demonstrando que mesmo passando pouco tempo

enquanto primeira-dama no Catete, “[...] a sua passagem, com toda certeza, está entre aquelas que mais revolucionaram esse próprio Palácio que lhe serviu de palco para performances artísticas e atuações políticas”. (Chagas, 2016, p. 65). Enquanto caricaturista, porém, sua resposta aos insultos direcionados a ela e ao Marechal vieram a partir desse campo e, mais especificamente, a partir de uma caricatura que evidenciava o senador Ruy Barbosa de maneira cômica. Já em relação às prisões mencionadas e atribuídas apenas à sua vontade, em suas memórias, Nair de Teffé silenciou. Fossem as versões da primeira-dama, fossem as versões do senador ou os discursos da imprensa na época, torna-se imperativo considerar que a atuação política da personagem e a sua influência no meio eram balizadas tanto pelo seu contrato de casamento quanto por sua trajetória enquanto caricaturista (Werner, 2022).

Assim, através desses recortes do discurso mencionado e da veiculação de ambas as personagens pelas páginas de alguns jornais do Rio de Janeiro, são observadas perspectivas sobre como ambas as mulheres eram representadas politicamente. Dessa forma, ainda que envolvidas em relações de poder assimétricas, ambas as personagens construíram trajetórias políticas, fossem elas consideradas adequadas ou não pelas personalidades masculinas do período.

Considerações finais

À despeito de essa ser uma pesquisa em andamento, buscamos apontar algumas considerações acerca de nosso objeto de pesquisa. Dentre essas destacam-se a existência das atuações políticas de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé no contexto da Primeira República, através de articulações possíveis às mulheres que ocupassem a função de primeira-dama naquele período. Dessa maneira, por meio da compreensão das relações de gênero e poder em que estavam inseridas ambas as personagens, buscamos evidenciar algumas das diferenças e das aproximações entre as duas trajetórias. A partir da presente pesquisa buscamos demonstrar caminhos e possibilidades para o estudo da chamada Nova História Política, seja através do estudo de trajetórias, das elites e/ou de diferentes abordagens para as investigações sobre esses objetos.

Da mesma forma, buscamos demonstrar alguns dos protagonismos das personagens em diferentes esferas e campos sociais, bem como a representação de suas condutas através dos discursos masculinos, contrapondo concepções como as de que “ser mulher na política, ou ainda, ser uma ‘mulher política’, parece a antítese da feminilidade [...]” (Perrot, 2019, p. 153).

Em relação ao contexto brasileiro na década de 1910, destacam-se os “aparatos jurídicos que fundamentavam os laços de casamento e a política matrimonial”, os quais apresentavam-se de modos bastante “[...] claros e bem definidos no sentido de determinar os papéis sociais a serem desempenhados por homens e mulheres após as núpcias” (Galetti, Simili, 2013, p. 131). Ou seja, enquanto mulheres e primeiras-damas, seus papéis e funções sociais eram regidos por concepções excludentes, as quais buscavam limitar suas atuações em diferentes campos, como o político, por exemplo, voltando-as para o ambiente privado. Além disso, ao olhar para o cenário político do Rio de Janeiro no início do século XX, no qual inserem-se as trajetórias das personagens aqui analisadas, vários outros contextos se misturavam com o amadurecimento da República e com as articulações em torno da mesma. Nessa perspectiva, “[...] os produtos culturais em circulação retraduziam simbolicamente as clivagens e contradições sociais de um lugar em processo de modernização” (Nascimento, 2017, p. 48), o qual, como buscamos apresentar, também pode ser lido através do protagonismo e da atuação política das primeiras-damas. Logo, o processo de modernização em que se inseria a capital federal naquele momento pode ser considerado enquanto plano de fundo do episódio aqui analisado. Em decorrência disso, são reforçados os argumentos dos críticos da Primeira República de que “seus políticos e intelectuais não teriam conseguido associar as manifestações populares, suas peculiaridades e potencialidades, à identidade da nação e da arte brasileiras” (Abreu, Gomes, 2009, p. 10).

Assim, cruzando algumas fronteiras entre os âmbitos público e privado, tanto Orsina da Fonseca quanto Nair de Teffé foram primeiras-damas presentes, políticas e participantes. Em diferentes níveis e de diferentes formas, suas trajetórias políticas foram sendo elaboradas e a análise das mesmas pode colaborar em leituras que proporcionem outras perspectivas acerca dos contextos da Primeira República, assim como a ampliação de olhares sobre o estudo do político através de novas abordagens, objetos e perspectivas.

Fontes

FONSECA, Nair de Teffé Hermes da. *A verdade sobre a Revolução de 22*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Gráfica Portinho Cavalcanti LTDA, 1974.

Hemeroteca Digital Brasileira

A Epoca, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1914, p. 1

A Imprensa, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1912, p. 3

O Paiz, Rio de Janeiro, 08 de junho de 1912, p. 5

O Paiz, Rio de Janeiro, 26 de maio de 1911, p. 7

O Paiz, Rio de Janeiro, 19 de junho de 1911, p. 6

O Paiz, Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1913, p. 3

Anais do Senado Federal

FEDERAL, Annaes do Senado. **Sessões de 1 a 30 de novembro de 1914**. Volume VII. Congresso Nacional. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1917.

Imprensa

MORENO, Maís. **Primeiras-damas: dos estereótipos à regulamentação**. Opinião: Congresso em Foco. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/primeiras-damas-dos-estereotipos-a-regulamentacao/> Acesso realizado em 14/10/2023.

PODER360. **Janja se reúne com primeiras-damas de América Latina e Caribe**. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/janja-se-reune-com-primeiras-damas-da-america-latina-e-caribe/> Acesso realizado em 14/10/2023.

Referências Bibliográficas

ABREU, Martha; GOMES, Angela de Castro. A nova ‘Velha’ República: um pouco de história e historiografia. **Revista Tempo-UFF**, v.19, n. 35, p. 1-14, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Org.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 183-191.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196-219, jan./abr. 2020.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. A questão do gênero. In: CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. (org.) **Gênero: uma perspectiva global**. Tradução de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015, p. 29-50.

CHAGAS, Mario. Nair de Teffé: Uma mulher entre a arte e a política. In: ASSIS, Maria Elisabete Arruda de. SANTOS, Taís Valente dos. **Memória Feminina: Mulheres na História – História de Mulheres**. Editora Massangana. Recife, 2016, p. 58-65.

DAL FORNO, Rodrigo. Pierre Bourdieu e Jean-François Sirinelli: aproximações, possibilidades e usos para o estudo da trajetória de lideranças políticas no Brasil republicano. In: MARTINS, Luis Carlos dos Passos. (org.) **Pensar a História com e além de Bourdieu: experiências de pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora Fi. 2017, p. 157-177.

GALETTI, Camila Hildebrand. SIMILI, Ivana Guilherme. Mulheres, casamento e política: a artista e primeira dama Nair de Teffé. **Revista CDHIS**, Uberlândia, v. 26, n. 1, p. 129-151, jan./jun. 2013.

- HEINZ, Flávio Madureira. (org.). **Por outra história das elites**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- LEVI, Giovani. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. (Org.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 167- 182.
- NASCIMENTO, Rafael. Catete em ré menor: tensões da música na Primeira República. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**: Universidade Federal de Campinas, n.67, p.38-56, ago. 2017.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. [Tradução: Viviane Ribeiro] Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. [tradução Angela M. S. Côrrea] 2ª ed. 6ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2019.
- RÉMOND, René. **Por uma história política**. [tradução: Dora Rocha] 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003
- REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In.: REVEL, Jacques. (org.) **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 15-38.
- RODRIGUES, Dayanny Deyse Leite. **Mulheres e política no estado da Paraíba**: a atuação de Lúcia Braga em meio às práticas políticas locais. 213 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- RODRIGUES, Dayanny Deyse Leite. Ser coadjuvante ou protagonista no cenário político: o impasse das primeiras-damas. **Saeculum – Revista de História**, v. 24, nº 41, p. 176-195, 2019.
- RODRIGUES, Dayanny Deyse Leite. **"Primeiro damismo" no Brasil**: uma história das mulheres na cultura política nacional (1889-2010). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.
- SCHUMAHER, Schuma. BRAZIL, Ético Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. 1ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018, p. 15-42.
- SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. As Complexidades da noção de fronteira, algumas reflexões. **Caderno Pós Ciências Sociais**, São Luís – MA, v. 2 n. 3, p. 17-38, 2005.
- SIMILI, Ivana Guilherme. **Mulher e política**: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945). São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- TORRES, Iraildes Caldas. **As primeiras damas e a assistência social**: relações de gênero e poder. São Paulo: Cortez, 2002.
- VENDRAME, Maíra Ines. **O poder na aldeia**: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italianos (Brasil-Itália) – São Leopoldo: Oikos, Porto Alegre: ANPUH-RS, 2016.
- WERNER, Bethânia Luisa Lessa. **“Eu serei uma senhora importante. Vou ser muito importante”**: a trajetória política de Nair de Teffé na Primeira República (1910- 1922).

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, 2022.